



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES
INDÍGENAS
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Elizete Macedo Gama da Silva

**Mamona, Pequi e Galinha: óleos e banhas naturais
da Aldeia Sumaré III – Terra Indígena Xakriabá**

Belo Horizonte

2017

Elizete Macedo Gama da Silva

**Mamona, Pequi e Galinha: óleos e banhas naturais
da Aldeia Sumaré III – Terra Indígena Xakriabá**

Monografia apresentada ao curso de
Formação Intercultural para Educadores
Indígenas da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Ciências Sociais e
Humanidades.

Orientador: Paulo Maia

Belo Horizonte

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, especialmente ao meu filho Yan Bruno, e a todos meus professores e ao meu orientador Paulo Maia, à minha comunidade, às lideranças, aos caciques e a todos os entrevistados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus do céu
Pela minha luta
E por tanta força
Terminando essa faculdade
Posso mesmo fazer outra.

Agradeço por tudo
Até pelos tropeção
De saber cair e levantar
E prestar mais atenção
Levando comigo sempre
O meu Deus no coração.

Agradeço a minha mãe
Que tanto me aconselhou
Sempre me dando força
Me enchendo de amor
Na hora do desespero
Ela sempre me ajudou.

Me dando muitos conselhos
Para não desistir
Lutar pelos os estudos
Não deixar a peteca cair
No momento estava chorando
Depois iria sorrir.

Não esqueço dos colegas
Que deram um ombro amigo
Na hora das dificuldades
Eles estava comigo.

Nunca vou esquecer
Dos queridos professor
Que na sua explicação
É excelente doutor.

Não posso esquecer
De um grande professor
O professor Paulo Maia
Que é o coordenador
Trabalhando com a turma
Desde quando começo
E além de tudo isso
É o meu orientador.

Agradeço as lideranças
Pela satisfação
Acompanhando o curso
Estendendo suas mãos
Pessoas de muita garra
De bons coração.

Os nomes das lideranças
Tudo não posso falar
Mas alguns vou citar
Seu Silvino, João de Jovina
E os dois senhores Valdemar.

Leitores para esse trabalho
Peço- lhe muita atenção
Porque ele não encerra aqui
Ainda tem muita lição
Juro que esforcei
Foi muita dedicação
Ao estudo e o meu filho
Do fundo do coração.

Talvez esse trabalho prossiga
Após o tempo que passar
Deixar parado num canto
Isso não vou aceitar
Lembrarei todos os tempos
Sempre que meus estudos lembrar.

Agradeço primeiramente a Deus por ter mim dado força e saúde e muita paciência para a realização deste trabalho, à minha família pelo apoio que sempre me deram, aos entrevistados, lideranças, caciques, Fernanda Xakriabá e às pessoas da comunidade, que diretamente ou indiretamente contribuíram para eu desenvolver essa pesquisa. A todos professores desde dos anos iniciais e do curso FIEI, meu orientador, Paulo Maia, e aos meus colegas da turma pelo o apoio.

RESUMO

O proposto trabalho apresenta os óleos e banhas naturais de animais e plantas que utilizamos, destacando a importância desses produtos na sustentabilidade e saúde para a sobrevivência e na preservação e fortalecimento dos costumes do povo Xakriabá. Considerando que esses saberes são parte importante da nossa identidade cultural de nosso povo, observo que houve mudanças com a entrada de produtos industrializados no dia-a-dia do povo Xakriabá na aldeia Sumaré III. Para que esse trabalho pudesse ser desenvolvido busquei fazer um levantamento dos tipos de planta e animais que se usamos na produção de óleos e banhas, ilustrando-o com fotos e as descrevendo. Foi feita também entrevistas através de diálogos, não havendo gravações nem questionários, a pedido dos entrevistados. Então o registrado foi feito através de anotações das partes mais importantes, sendo uma conversa sobre o tema a ser tratado. As mesmas foram feitas com pessoas mais velhas e jovens, analisando as histórias orais sobre os produtos naturais, a realidade vivenciada dos próprios entrevistados e observando a fabricação de três produtos: o óleo de mamona, óleo de pequi e a banha de galinha, trazendo como estudo o processo produtivo, a conservação e as *ciências* dos mesmos. Portanto, pode-se perceber, que a partir da chegada dos produtos industrializados houve várias mudanças, não só na alimentação, mas também no meio de transporte e comunicação e na cultura tradicional em geral do nosso povo. Os mais velhos acham preocupante o consumo de tantos produtos industrializados, e dizem que devemos ter cuidado, sabendo usar o que tem de bom nestes produtos ao nosso favor sem interferência nos nossos conhecimentos de práticas culturais.

Palavras-chaves: Óleos naturais, banhas naturais, práticas Xakriabá, medicina tradicional Xakriabá

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
-------------------------	----------

CAPÍTULO I - OS ÓLEOS E BANHAS

1.1– A importância dos óleo e banhas.....	14
1.2- Frutos, árvores e animais utilizados na produção de óleos e banhas...16	
1.2.1 - A mamona.....	16
1.2.2 - O pequi.....	19
1.2.3 - Pau- d'ó.....	21
1.2.4 - Pinó.....	23
1.2.5 Gergelim.....	25
1.2.6 – Amendoim.....	27
1.2.7- A galinha.....	28
1.2.8- O porco.....	29
1.2.9 - O tatu.....	30
1.2.10 - O teiú.....	32
1.2.11 - O gato do mato.....	33

CAPÍTULO II - PROCESSO PRODUTIVO

2. 1 - Óleo de mamona.....	34
2. 2 - Óleo de pequi.....	35
2. 3 – Banha de Galinha.....	35
2.2.1-Conservação de óleos e banhas.....	36
2.2.2- A ciências dos óleos e banhas.....	36

CAPÍTULO III - SOBRE OS USOS DE ÓLEOS E BANHAS

3.1 – Para que serve os óleos e banhas.....	38
---	----

CAPÍTULO IV – RELATOS DOS ENTREVISTADOS

4.1- Notas a respeito dos entrevistados.....	40
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
----------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Os Xakriabá vivem hoje em uma Terra Indígena (TI) homologada em 1987, localizada na região sudeste do Brasil, no norte de Minas Gerais, município de São João das Missões, na margem esquerda do rio São Francisco.

O território Xakriabá possui 52 mil hectares, a população é de 10.800 índios aproximadamente, com 32 aldeias e sub aldeias. O tronco de nossa língua Akwén é o Macro-Jê, porém hoje o povo Xakriabá, com impacto que teve a chegada dos portugueses, fala o português, mas que existem tentativas de resgate da língua original. Hoje alguns cantos cantados em rituais de nosso povo já são traduzidos na língua original. Nossa terra de direito não foi toda demarcada, temos uma boa parte que ainda está nas mãos dos não-índios. Porém o povo Xakriabá nunca desistiu, enfrentando a revolta dos fazendeiros e mesmo assim, recentemente, foram retomadas, às margens do rio Peruaçu, as áreas conhecidas como Caraíbas e Várzea Grande no ano de 2013.

A vegetação predominante na Terra Indígena é o cerrado e caatinga, conhecido pelos Xakriabá como gerais ou tabuleiro, ali há muitas matas secas com várias espécies de árvores: sucupira, unhadanta, imburana, pequi, cagaita, quina branca e quina preta, murici, borle, barbatimão, imbudanta, tingui, pelero, jatobá, papaconha, cabeça de nego, pau- doí, pinó, sete casaca, sambaiba, mamoninha, cansanção, barriguda, grão de galo, caraíba e porcada, entres outras, que são utilizados por nós para a caça e coleta. Na caça porque algumas dessas árvores citadas dão frutos ou flores, que alimenta a maioria dos animais quando estão maduros, por exemplo: o pequi e a caraíba quando está florescendo é época de esperar veado para matar. Nessa área é onde se encontra grande partes das plantas que usamos para fazer nossos remédios naturais. Devido ao menor aproveitamento para o plantio de roças, em alguns dos ambientes estão bem preservados, porque hoje estamos fazendo movimentos que incentivam fazer reflorestamentos perto das nascentes e nosso povo está tomando mais cuidado no preparo do terreno para o plantio, principalmente quando vai queimar as roças, diminuindo o desmatamento. A principal atividade do povo ainda é a agricultura como plantio de milho, feijão e

mandioca, mas atualmente são poucos os roçados por falta de chuva. Além das plantas, há presença de insetos e animais como: coelho, tatu, preá, teiú, raposa; e animais peçonhentos: como a cobra, lacraia e outros. Os insetos também ficam muito nestas matas, o grilo, gafanhoto e o bicudo¹, por exemplo. Quando termina de queimar a roça, se chover nos próximos dias, começa vários tipos de besouro andando na terra e os mais velhos falam que é sinal de muita fartura nas roças, mas se não cuidar pode ser que os insetos possam tomar de conta da lavoura. Hoje em dia nestes lugares é raro ver muitas espécies de pássaros. Pela falta de chuva, eles vão mudando para os lugares mais frios, poucos ficam por lá, como a rolinha, jandaia, bico de ferro, gavião, lambu, coruja, codorna, caga-cebo e as pegas, um tipo de ave que de vez em quando vai em algum quintal procurando ovos de galinha para chupar.

Em diversas circunstâncias da sua trajetória, o povo Xakriabá vem superando desafios e construindo novas pontes com “diálogos” e trocas de experiências entres diversas culturas, valorizando a sua identidade, que é o mais importante em todo momento, e também não deixando de ter acesso aos conhecimentos da sociedade científica moderna.

A aldeia Sumaré III, onde moro, está localizada na terra Indígena Xakriabá. É formada por 64 famílias. Nesta aldeia é ofertada a educação escolar pela Escola Estadual Indígena Bukinuk, que atende desde a Educação Infantil ao 9º ano, onde eu, Elizete Macedo Gama da Silva, de 32 anos, trabalho há 5 anos como professora.

Minha trajetória de vida escolar foi sempre na terra Indígena. Mas no início dos meus estudos os professores da escola xakriabá eram não-índios por falta de ter pessoas da comunidade com formação exigida para trabalhar. Mesmo sendo criança passei por experiências terríveis, pois ouvia cada coisa que não era o que meus pais ensinavam em casa. Na escola, por exemplo, aqueles professores me diziam que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, sendo que meus pais falavam que os índios já vivam nas terras que os portugueses diziam ter descoberto. A histórias se repetem várias vezes, por ser criança não sabia em quem acreditar.

¹ Um besouro do bico grande.

Um certo dia brincando no quintal com minha irmã mais velha, vimos um sapo e ela, por eu ter medo de sapo, jogou ele em mim. A partir deste dia meu corpo todo tomou-se de umas lixa que viraram grandes feridas. Fui para escola e antes de sair minha mãe passou uma banha de gato do mato em mim. Quando cheguei lá a professora não-índia pediu que eu voltasse tomasse um banho e que falasse pra meus pais levar no médico, que naquele tempo não tinha na aldeia. Meu pai me levou montada a cavalo na cidade de Itacarambi e a primeira coisa que o médico falou é que ia receitar um remédio para mim, mas tinha que comprar. E assim pai fez, comprou e usou de acordo com que o médico mandou mas, a cada dia que passava, as feridas iam crescendo cada vez mais e ficando profundas e o remédio acabou e nada melhorou.

A minha mãe sempre confiou nos remédios naturais, e que foi contra que meu pai me levasse ao médico, e começou a usar em mim os remédios naturais novamente, a banha do gato do mato, óleo de pequi e banha de teiú. Passando três vezes por dia e ainda depois colocava o gato de casa para lamber. Depois de no máximo oito dias, as feridas foram secando e desaparecendo, e depois de um mês não havia mais ferida no meu corpo. Hoje nem cicatriz não tem porque o óleo de pequi, além de ser cicatrizante de feridas, ainda tem o dom não de deixar a pele manchada.

Os mais velhos acreditam que é importante falar sobre os costumes dos Xakriabá, eles não querem que o povo deixe adormecer seus costumes, mas ao longo do tempo, com a entrada e facilidade de aquisição de produtos industrializados, muito tem se perdido ou até deixado de ser produzido. Alguns desses produtos são os óleos e banhas naturais que estão sendo pouco utilizados, porque os óleos industrializados estão muito presentes na comunidade, dando facilidade na hora do preparo ou quando for usar, por serem encontrados prontos, enquanto os produtos naturais ainda têm que ser produzido manualmente. Sendo que esses produtos naturais usados pelos Xakriabá são muito saudáveis e extremamente importantes, uma vez que através deles podemos curar várias enfermidades e ainda faz parte da cultura do povo Xakriabá.

Falar dos óleos e as banhas naturais significa não deixar morrer ou esquecer os costumes, preservar um patrimônio que pode ser passado de geração para geração. Os óleos e as banhas naturais são importantes porque

sabemos que a natureza e os animais disponibilizam os produtos com que podemos preparar alimentos e alguns ainda servem de remédio. Isso é reforçado através da fala de Creusa Barbosa do Santos, de 32 anos da aldeia Caatinguinha, mãe de quatro filhos:

“(...) Eu mesmo não levo meus filhos no médico quando estiver com gripe, pode ficar ruim do jeito que for, faço meu remédio do mato aqui mesmo e sempre dá certo, no outro dia o menino já melhorou (...).”

É meu interesse nesse trabalho revelar os benefícios que os óleos e banhas traziam e ainda trazem quando os consumimos. E também buscar registrar a importância de serem produzidos, pois fazem parte de nossa tradição desde nossos ancestrais. Isso é notado na fala de Eloisa, de 68 anos, da aldeia Sumaré 3:

“(...) Olha, minha filha, nós que fomos criados comendo comida temperada com esses óleos e banhas naturais e tomando os remédios feito com eles, somos mais fortes de qualquer um jovem de dezoito anos e às vezes mais sadio. É difícil ter esses problema que está parecendo hoje em dia (...).”

E os velhos falam sobre as importantes recomendações dos procedimentos tradicionais, que são úteis para alimentação e a saúde do povo Xakriabá. Diante de todos os tipos de óleos e banhas que fazem parte da cultura do povo Xakriabá, posso dizer que há uma maneira de estarmos “voltando ao tempo” e reviver o que vivemos antes, pois em algumas falas dos mais velhos serão notadas várias experiências dos nossos ancestrais. De acordo com Prexeda Nunes Macedo Gama, de 68 anos da aldeia Sumaré III, mãe de oito filhos, dentre eles, eu:

“(...) Um tempo atrás minha filha mais velha quebrou a clavícula e o médico não engessou só amarrou uma faixa no braço e mandou ficar de repouso 30 dias e não deu nenhum remédio pra dor e a menina continuou sentindo dor. Chegando em casa preparei meu remédio natural, feito com óleo de mamona e outros ingredientes, uma infusão e poucos minutos a dor passou e com menos de 30 dias já estava tudo normal e recentemente aconteceu novamente do mesmo jeito com meu filho. (...).”

Atualmente os óleos e banhas naturais são bastante falados em eventos culturais e nas histórias, oralmente contada pelos mais velhos, além de utilizados na preparação dos alimentos servidos nos eventos. Esta pesquisa

tem como objetivo entender o porquê das mudanças de produtos naturais para produtos industrializados, compreender a importância das plantas e alguns animais na saúde e alimentação na comunidade de Sumaré III, conhecer mais sobre as plantas e os animais, mostrando sua serventia na comunidade hoje em dia, saber a importância dela para os povos antigamente.

O motivo que me levou a pesquisar e registrar alguns óleos e banhas Xakriabá foi por ser um tema bastante familiar, e de estar refletindo sobre conhecimentos, saberes, *ciências*, costumes, porque somos conhecedores de práticas naturais das plantas e animais, de uma sabedoria que vem guardada na memória, nas experiências ao longo da vida, que aprendemos com os mais velhos. Isso tem a ver com o significado de ser sábio, no sentido de ser inteligente e conhecer além do que aprendemos na escola, aquilo que vem de família ou a que a pessoa já nasce com aquele saber. Nesse sentido, *ciência* é um palavra muito usada pelos Xakriabá, no sentido de expressar nossos saberes. Está relacionado em preservar o bem-estar na alimentação e a saúde da nossa etnia, pois é uma forma de organização interna, nos rituais, remédios, entres outros. Ou melhor, não pode ser qualquer um ou de qualquer jeito, sendo uma condição de antigamente que faz parte da cultura, mas que, aos poucos, e com passar do tempo, está sendo adormecida e pouco valorizada nos últimos anos.

Espero com esse trabalho poder incentivar as gerações atuais e as futuras a não usar tantos produtos industrializados e produzir e consumir mais produtos naturais produzidos pelos próprios Xakriabá, em respeito aos conhecimentos dos antigos. Esse trabalho foi construído para mostrar a importância dos óleos e das banhas na nossa sobrevivência, na alimentação e saúde da etnia Xakriabá, para compreender que devemos preservá-los, sendo que antigamente a realidade era outra sem os produtos industrializados e que muitos da nova geração do povo Xakriabá atual não os conhecem. Na aldeia Sumaré III, as pessoas mais velhas acham desnecessário o uso de tanto produtos industrializados, sendo que podemos produzir produtos naturais manualmente sem alteração química.

Essa pesquisa foi feita por meio de entrevistas, fotos e conversas que possibilitaram conhecer e registrar um pouco dos costumes da vida de alguns mais velhos e jovens das comunidades Xakriabá. Nestas comunidades realizei

entrevistas com mais velhos e o jovens, escutei narrativas sobre os óleos e banhas naturais e outros conhecimentos, com a finalidade de ouvir, observar e analisar as mudanças acontecidas na feitura e consumo de óleos e banhos naturais antigamente e hoje.

Meu trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo falarei da importância dos óleos e banhas na alimentação e saúde do povo Xakriabá, explicando sobre as matérias-primas que utilizamos para a sua produção. No segundo capítulo apresento os processos produtivos, como: a coleta das matérias-primas, o preparo e conserva, feitos com as *ciências* do conhecimento tradicional de nosso povo. E no terceiro capítulo falo sobre os usos dos óleo e banhas, para cura de enfermidades e limpeza corporal. Finalmente, no quarto capítulo descrevo uma síntese de algumas ideias principais dos conhecimentos tradicional dos entrevistados.

CAPÍTULO I - OS ÓLEOS E BANHAS

1.1- Importância do óleos e banhas

Acredito que óleos e as banhas são importantes para povo Xakriabá porque eles tem várias utilidades, servindo para fazer remédios e na preparação de alimentos e limpeza corporal. Com esses óleos e banhas existem histórias e costumes na cultura que podem vir adormecer com tempo, devido à chegada de produtos industrializados nas comunidades dentro do território Xakriabá. Na opinião dos mais velhos, eles acham desnecessário o uso de tantos produtos industrializados, pois sabemos que esses produtos tem muito conservantes químicos, que são utilizados para estender prazo de validade, que podem estar interferindo na nossa saúde. Já os produtos naturais, sabemos produzir manualmente, sem qualquer uso de produtos químicos, ou seja, a maioria dos produtos naturais são produzidos à base de água. E isso foi reforçado na fala de Santília Araújo da Silva, de 76 anos, da aldeia Sumaré I, parteira, rezadeira, benzedora e foliã de Folia de Reis há 50 anos:

“(...)Olha, nós não pode desfazer dos remédios da farmácia e nem das coisas de comer que vem de fora, pois hoje a gente serve é com eles mesmo, então vamos usar os dois, já costumemos, não vai volta aquele tempo, mas nossas coisas que fazemos é bom demais (...).”

Dentre esses óleos de mamona, de pequi, pau-dói, pinó, gergelim e amendoim e as banhas de galinha, de porco, tatu, teiú e gato do mato, escolhi três – o óleo de mamona, o óleo de pequi e a banha de galinha – para falar mais. Em nossa medicina natural, esses óleos e essa banha são empregados para combater diversas enfermidades e são os mais usados pelo nosso povo. Pois um dos aspectos mais importantes dos óleos e banhas naturais é permitir que o procedimentos para a prevenção e cura de enfermidades sejam preparados manualmente e em casa. De acordo com explicações que recebi nas entrevistas, seguindo as orientações de como fazer alguns óleos e banhas, consegui produzir aqueles três, por isso vou falar a respeito, sobre como produzir, sobre a utilização e sobre os usos.

As plantas e os animais estão no nosso dia-a-dia, e em vez de ir procurar remédio longe quando precisamos, usamos o que tem em casa mesmo. De acordo com as falas dos mais velhos, nas entrevistas feitas durante a pesquisa, nunca é demais dizer: produtos naturais são saudáveis, são aqueles que promovem saúde e vida a todos humanos.

Pois esses produtos fazem parte da nossa cultura, em que a mesma sendo praticada, serve de base de inspiração para lutar pelos nossos direitos de viver com nossa cultura e costumes em um ambiente tranquilo, sendo que fazem parte das crenças, rituais e da medicina tradicional. Deixar de produzi-los é deixar uma parte de nossa cultura adormecer, ou até acabar.

O território é o lugar de vida, de cultura, onde um povo constrói sua história. Território é base que sustenta a vida dos povos indígenas, e ali eles têm seus costumes de produzir seus produtos naturais de forma tradicional. Hoje em dia devemos levar em consideração algumas mudanças no clima, tais como: alteração da época de chuva, aumento da temperatura e, portanto, mais tempo de sol, diminuição de espécies de plantas nativas com desmatamento nos últimos tempos. Os produtos naturais não deixaram de ser importantes, mas estão sendo substituídos por outros produtos industrializados. Isso se confirma na fala de Esverdiana Barbosa dos Santos, de 67 anos, casada e mãe de 12 filhos, da aldeia Caatinginha:

“(...) Antes nosso costumes era outro, era só levantar bem cedinho e começava já luta fazendo as coisinhas pra comer, não achava nada pronto. Hoje entra no quarto tá lá o monte de coisa que a gente compra pronto fora só pra prepara os alimentos e assim por isso que não fazemos mais o que fazia antigamente, faz falta mas até o tempo não está igual era antes (...)”.

A importância desses produtos naturais é destacada pelos mais velhos nas entrevistas. Eles expressam suas dificuldades de estar usando os produtos industrializados e não esquecem dos produtos naturais, pois viveram muitos anos produzindo seus próprios alimentos e remédios. Mas hoje os jovens não dão muita importância a esses produtos, pois acham que são de difícil acesso e são complicados de produzir, já os produtos industrializados vem prontos e são de fácil acesso. É por essa razão que eu acho que está ocorrendo esta troca, pela facilidade do produto industrializado e pelo trabalho que dá para

produzir o natural. Exemplos disso são a banha e o óleo de cozinha industrializados.

1.2 – Frutos, árvores e animais utilizados para produzir óleos e banhas

1.2.1- A mamona

A mamona é uma planta não muito grande e tem dois tipos: a Mamona da Mata, também conhecida como Rajada, e a Preta, também conhecida como Mamoninha do Tabuleiro.

A Mamona da Mata pode ser plantada assim como se planta o feijão e o milho, mas às vezes ela costuma nascer mesmo sem plantar. Floresce no mês de agosto e a sua colheita é no final de outubro para novembro. A colheita da mamona pode ser feita de dois jeitos: o mais prático é quebrar os cachos com os frutos quando estiverem maduros e pôr para secar em um local seco, expondo ao sol até que os frutos comecem abrir naturalmente. A partir daí pode bater para descascá-los. E há outro jeito, que é limpar embaixo do pé, e deixar as sementes cair sem precisar bater, colher todos os dias no final da tarde ou se preferir dois dias depois.

As sementes tem ser guardadas em garrafa pet ou misturada com cinza para não estragarem. Para plantar no ano seguinte só pode ser plantada as sementes colhidas no ano anterior, pois as sementes podem ficar com dificuldades para germinar e apodrecem dentro da terra. Agora para produzir o óleo, pode ser de qualquer tempo, desde que as sementes não estejam estragadas.

Já a Mamona do Tabuleiro é nativa da terra e floresce e colhe na mesma época que a Mamona da Mata, de suas sementes também fazem o óleo. A colheita é no mesmo processo, mas o mais prático é quebrar os galhos e deixar secar em um local expondo ao sol, pois o Tabuleiro, que é o lugar onde elas crescem, fica longe das casas das aldeias e dá trabalhado carregar. A duas mamonas não tem semelhanças nas folhas, mas tem nas sementes,

porém tendo o mesmo nome, florescem e colhem na mesma época. Suas utilidades são: para tratar o ressecamento da pele e contra queda de cabelo.



Foto 1- Pé de mamona, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.



Foto 1- frutos da mamona, Aldeia Sumaré III, terra indígena Xakriabá, 2017.



Foto 2 - sementes de mamona, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

1 .2 .2 O Pequi

O Pequi é uma árvore de porte grande, de troncos galhudos e cheios de curvas, variam de tamanho pela região. Nativa do Tabuleiro-Cerrado, demora para germinar, e precisa crescer bastante para começar florescer.

A época da floração é devida ao início da chuva, mas no mês de outubro tem um leve chuva, que é chamada a *chuva das flores*. Durante a sua floração começa a *espera de veado*, pois, para os povos Xakriabá, a época do pequi florescer é tempo da caça de veado. É só no final de dezembro para janeiro que os frutos começam a amadurecer. Mas isso pode variar, pois depende da ocorrência da primeira chuva. O fruto do pequi tem várias utilidades: comer cozido e cru, fazer sabão e óleo de sua polpa. O óleo da polpa serve de remédio para gripe ou catarro no peito, luxação, dores musculares, ferida e nariz entupido (congestionamento nasal). No caso do preparo dos alimentos como: arroz, feijão, abobora mandioca. Da castanha do pequi faz a paçoca para comer e também faz óleo, que serve pra temperar alguns alimentos, menos carne.

O pequi era mais consumido antigamente, pois ele tem várias utilidades, e essas eram todas praticadas diariamente na época de seu amadurecimento. Atualmente, ainda são encontradas pessoas que fazem essas práticas de saberes. Mas essas práticas não são mais cotidianas porque foi substituído por outros produtos industrializados, encontrados prontos no mercado. Hoje em dia não cresce mais tanto pequi no Xakriabá nas áreas que cresciam antes por causa da chuva, que mudou, e do desmatamento. Então ficou mais difícil produzir o óleo. Por isso o uso desses produtos industrializados é mais frequente. Podemos entender porque hoje eles já fazem parte da vida de todo o povo Xakriabá e é certo de que dificilmente deixará de usar. Então temos que estar produzindo e usando os produtos naturais e os industrializados, sem haver uma substituição, de modo que não vamos deixar de usar nem um nem o outro. Valorizar o nosso conhecimento, usando os dois sem interferência, o melhor saber, usar o que tem de bom nos produtos industrializados, usar ao nosso favor.



Foto 4 - Pé de pequi no Cacheado, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.



Foto 5 - Fruto do pequi, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

1.2.3 Pau-dói

É uma árvore nativa do cerrado de porte grande, e sua floração é em agosto e colheita dos frutos em novembro. Quando seus frutos estão maduros, os animais sentem o cheiro de longe e vão à sua procura. Mas hoje é raro encontrar essa planta adulta por causa do desmatamento, até porque uma vez que colhem o óleo dessa planta a chance dela ficar viva é pouca, pois o furo é muito profundo no tronco. Mas isso também depende da idade da árvore, se for uma árvore bem mas mais velha, viverá, porque seu tronco é bem mais grosso. Isso varia também da pessoa e de como fazer o furo. Hoje na comunidade de Sumaré 3, em um local chamado de Tamburi, tem um pé, mas está ainda pequeno e mesmo assim várias pessoas já tentaram tirar o óleo e não conseguiram. O Pau-dói é muito valorizado pelos Xakriabá porque o tronco serve para tirar o óleo, as cascas dos frutos servem para dor de dente, a polpa para os animais comerem e com as sementes fazem colar. É consumida também por várias aves como o Jacu, Perdiz, Periquito Jandaia e Cai-neném e outros.



Foto 6 - Pé de pau-doí, Aldeia Sumaré III, (Tamburi) Terra Indígena Xakriabá, 2017.



Foto 7 - o tronco do pau-doí, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

1.2.4- Pinó

É uma árvore nativa da mata de porte grande que possui troncos muito ramificados, possuindo vários galhos. Antigamente a castanha da fruta desta árvore era bastante consumida. O pinó hoje é raro nas comunidades por ser bastante retirada sua madeira para fazer *cocho*². E da sua madeira as molecadas que gostam de criar canarinho, fazem um furo no tronco e tira um líquido, uma espécie de uma cola, que serve de armadilha para pegar os canarinhos. O pinó quando está pequeno, ao encostamos em suas folhas, pode queimar a pele e até virar ferida. Mas isso depende da pessoa, pois que tem reação alérgica pode ser mais forte.

O pinó floresce no mês de janeiro e amadurece os frutos no final do mês de maio para junho, dão frutos muito bonitos, que mesmo maduro possuem casca dura e resistente, e é dividido em três parte por dentro. Cada parte tem uma castanha da cor preta, que tem ser descascada para tirar a polpa para comer ou fazer o óleo. Este pode ser usado para ressecamento na pele. O fruto do pinó demora muitos anos para estragar, mesmo deixado largado de qualquer jeito no ambiente descuidado.

Mulheres menstruadas e que ganharam neném não podem comer a castanha do pinó, por ela ser muito forte e a pessoa sente uma diarreia. Segundo os mais velhos ela é *remosa*, ou seja, um alimento forte. Por isso, uma vez que não estamos bem de saúde física, temos que evitar esse tipo de alimento, o que os mais velhos chamam de *resguardo* ou *indieta*. Antigamente essa árvore, o pinó, também era chamada pelo mais velhos de *João Congo*.

² Neste caso, o sentido da palavra designa uma vasilha utilizada para colocar água para animais domésticos.



Foto 3- pé de pinó, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

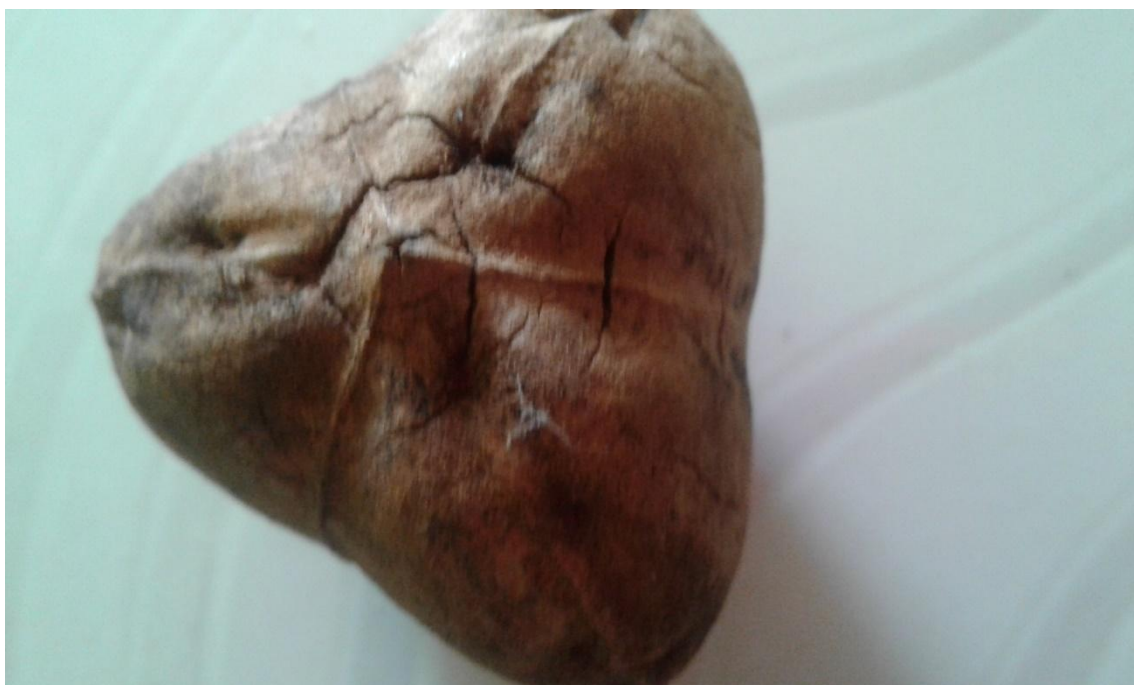


Foto 4- Fruto do pinó, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.



Foto 5- castanha do pinó, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017

1.2.5 - Gergelim

O gergelim é uma planta pequena, que é plantada na roça igual o milho, o feijão de corda, “feijão catador,” ou em volta do quintal. As sementes do gergelim são pequeninhas, de cor preta, seu ciclo é curto, o plantio varia de 90 a 100 dias para o cultivo. O gergelim não exige muita água, principalmente, na época da colheita, porque pode mofar as sementes, por isso ele se adapta bem às condições climáticas aqui no Xakriabá. Serve para fazer paçoca, para comer e fazer o óleo, que serve de remédio para gripe complicada, bronquite e asma. O óleo do gergelim é tomado puro ou com chá, sendo o mais indicado o chá de poejo. O poejo é uma planta rasteira que tem um cheiro agradável e bom para melhorar gripe também, podendo tomar o chá das folhas com o óleo de gergelim.

Os galhos do gergelim, os mais velhos que são benzedores, costumam usar os raminhos dele para rezar em crianças pequenas *de quebrante*³, dor de barriga e mal olhado. Suas folhas servem para fazer esfoliação de pele, deixando suave.



Foto 6- Pé de gergelim, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

³ Uma dor inexplicável.



Foto 7 - Sementes de gergelim, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

1.2.6– Amendoim

O amendoim é uma planta rasteira que pode ser plantada na roça, mas tem que ser em terra fofa. Tem algumas terras tem que ser adubadas para plantar o amendoim, principalmente se for uma terra que foi plantada muitos anos seguidos sem descanso. Os grãos de amendoim são muito saborosas e tem muitos nutrientes, podendo ser usadas de várias formas na alimentação. O amendoim serve para fazer o óleo para temperar vários tipos de alimentos, só não pode temperar carne. É também utilizado para fazer a paçoca dos grãos para comer. Podemos ainda comer os grãos de várias maneiras, cruas ou torradas com sal ou açúcar e também misturada com canjica e leite. Mas hoje, por seu cultivo ser muito trabalhoso, é raro os povos Xakriabá fazer plantio de amendoim.



Foto 8 - Grãos de amendoim, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena, 2017.

1.2.7- A Galinha

A galinha para ser tirada a banha tem que ser galinha caipira, e que não foi criada comendo ração produzida fora, tem que comer somente milho plantado aqui mesmo no Xakriabá ou em qualquer outro lugar, desde que seja sem usar agrotóxico. A banha a ser retirada está localizada nas tripas e na moela, pode ter também banha em outros lugares da galinha, nas costelas e no papo. As galinhas caipiras das raças Barbuda, Pé de Carranca, Pé de Pena, Cocuruto na Cabeça, Pescoço Pelado, Nanica, Pedrês e Rupiada não podem ser utilizadas para retirar a banha, porque a mulher que ganhou neném não vai poder tomar. Pois a mulher pode não sentir bem e ter uma hemorragia, ou seja, um sangramento forte pós-parto, e na menstruação pode interromper a menstruação e sentir forte dor de cólica e dor de cabeça. Então a banha que pode ser retirada é a da Galinha Índia. A banha de galinha serve para curar gripe, catarro no peito, ressecamento no intestino e pode ser usada no cabelo contra queda e ressecamento de pele. Também as penas da Galinha Rupiada servem para dor de cólica, é só colocar as penas para torrar no fogo, moer e tomar na água quando sentir a dor de cólica. O sangue da galinha Pescoço

Pelado serve de remédio para pessoa que foi picada por animais peçonhentos, é só passar no local e tomar um colher de sopa.



Foto 9- a galinha índia, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

1.2.8- O Porco

O porco para ser tirado a banha não pode ser leitoa ou *cuiúda*⁴. Tem que ser porco macho capado, criado comendo muita lavagem e milho com frequência para não criar *pipoca*⁵, que a deixaria a banha estragada sem poder utilizar. A banha está localizada por baixo das costelas em volta dos rins e pode ser usada contra ressecamento na pele e contra queda de cabelo e para

⁴ Porca fêmea parideira.

⁵ Uns pedacinhos de carne que ficam embolados na banha, dando mal cheiro.

preparar alimentos como feijão, arroz, abóbora, maxixe, mandioca macarrão e para fritar biscoito de goma de mandioca.



Foto 10 - O porco, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

1.2.9- O Tatu

O Tatu é um animal encontrado na mata e no Tabuleiro, temos várias espécies: Tatu Peba, Galinha, Chino, Bola pequeno e o grande. Destas espécies é só do Tatu Bola pequeno e Peba, que a banha é retirada para fazer remédio. O Tatu Peba também pode ser criado em casa, pois ele come de tudo que uma pessoa come, em especial leite e carne. Para o consumo da carne

pode-se comer todos deles, como o Tatu Galinha, Chino e o Bola grande, porém a mulher não pode comer quando estiver menstruada ou que ganhou neném para não inflamar o útero e ter sangramento forte. A banha é utilizada para preparar alimentos e passar em ferida para melhorar e não assentar inseto. Nas primeiras chuvas das águas no final setembro para outubro e no fim das águas no mês de março, os tatus são encontrados com facilidade.

Antigamente o casco do tatu era muito utilizado como vasilha pra colocar comida, para comer e guardar alimentos, e pouco tempos atrás, no início do ano 2000, usava para fazer colares.

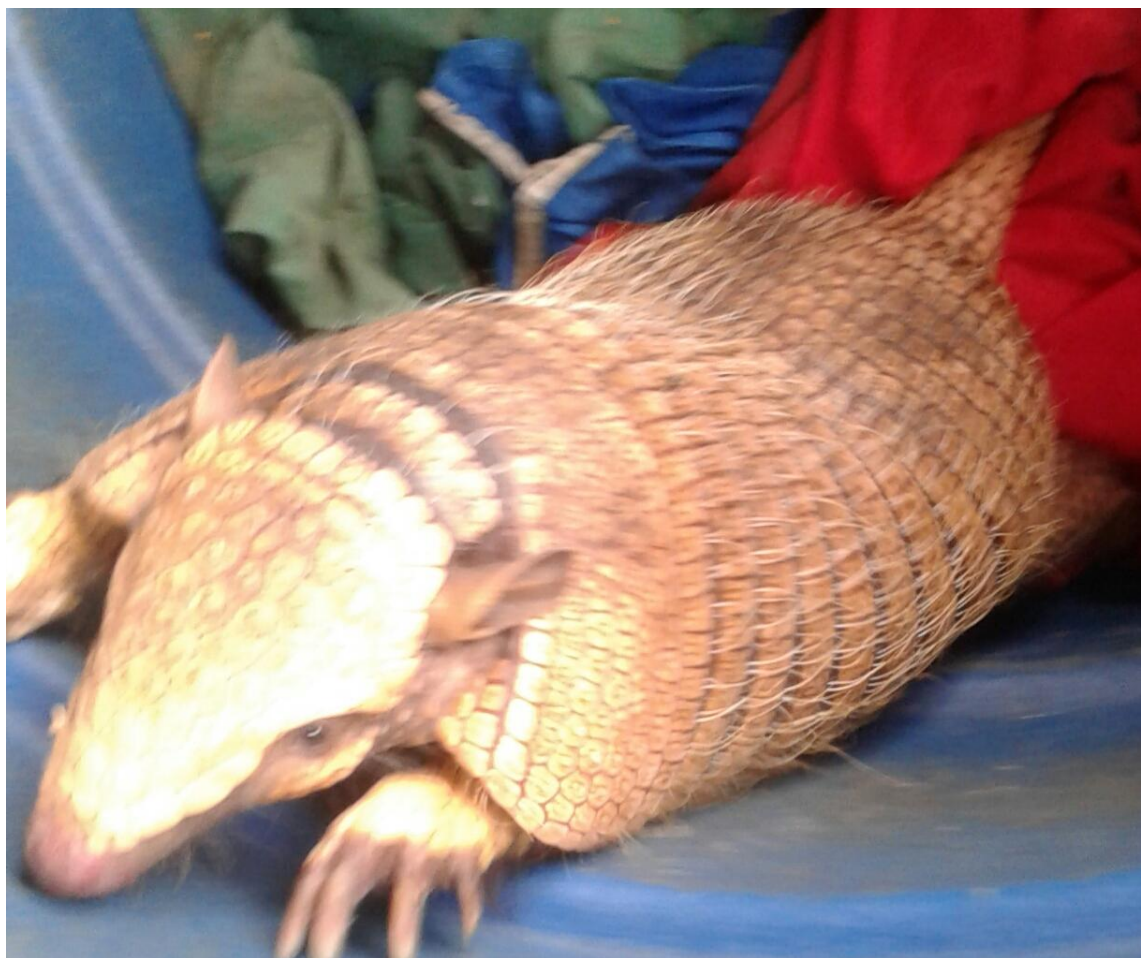


Foto 11 - O tatu peba, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

1.2.10 - O Teiú

O Teiú é um animal terrestre que vive nas matas e gostam de se alimentar com ovos e insetos. Entre os Xakriabá é muito caçado, porque sua carne é saborosa, a banha é muito utilizada para passar em ferida para melhorar e não sentir dor, e o rabo para produzir anel, que uma vez usando o anel do cabo de Teiú não sente câimbra. O Teiú também no mês de outubro aparece com frequência fazendo rastros, avisando que o tempo das águas está começando. É no final das águas no mês de fevereiro que o Teiú fica mais difícil de ser encontrado.



Foto 12- O teiú, Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, 2017.

1.2.11- O Gato do mato

O Gato do Mato é um felino que vive na mata e às vezes aparece perto dos quintais atacando as galinhas. Para pegar o Gato do Mato muitos fazem armadilhas, laços ou assaprão ou mesmo atirando de espingarda. Hoje em dia é raro ver falar quem viu um Gato do Mato, pois ele é muito procurado por ser comedor de galinha. As pessoas vivem vigiando para ele não ter aproximação dos quintais, e quando encontrado, é morto para tirar sua banha, que serve de remédio. A banha é usada para passar em ferida que tem dificuldade de melhorar, muito profunda, de borda seca que pode virar ferida brava. Também algumas pessoas comem a carne. A carne do Gato do Mato serve de remédio para pessoas adquirem *furúnculo*⁶.

Como não encontramos mais gatos do mato, não foi possível tirar uma foto.

⁶ *Furungo* ou *nascida*, assim fala o povo Xakriabá.

CAPITULO II - PROCESSO PRODUTIVO

Desses óleo e banhas que foram citados, escolhi dois óleo e uma banha para serem melhor explicados: o óleo de mamona e o óleo de pequi, e a banha de galinha. Para isso aprendi a produzi-los. Mesmo que esses procedimentos sejam difíceis, como é falado pelos mais velhos, eles podem reduzir os efeitos de muitas enfermidade e curá-las.

2.1. - Óleo de mamona

A colheita da mamona tem dois jeito para colher: quebrar os galhos com os frutos e colocar para secar em um local seco, exposto ao sol, e bater com quando estiver seco o suficiente para descascá-los e soprar na peneira; e outra maneira é deixar limpo embaixo da planta, onde os frutos secam e abrem sozinhos e as sementes caem no chão, que precisa estar limpo, devem ser coletadas no final da tarde. Para produzir o óleo de mamona, quebra a mamona e coloca para secar no máximo 15 dias. Depois que estiver seca é só bater e soprar na peneira. Em seguida, para produzir o óleo é necessário ser torrada as mamonas e pisar no pilão até que vai formando uma farofa. A farofa é então colocada na panela com água e levada ao fogo, deixe fervendo por alguns minutos que o óleo vai começar subir. Em seguida pega o óleo por cima, sem mexer na massa embaixo, dá umas mexidas depois para subir mais óleo, até que não tenha mais para pegar. Coloque o óleo em uma panela para fritar no fogo. Para saber se está pronto e só jogar um pouquinho no fogo, se a chama do fogo crescer mais ainda, está pronto, ao contrário precisa deixar mais um pouco no fogo.

As sementes da mamonas devem ser estocadas em garrafa pet ou em sacos, nesse caso, precisa misturar com cinza. Já óleo produzido das sementes tem que ser guardado em vasilhas plásticas ou de vidro.

2.2 - Óleo de pequi

Quando está no tempo do amadurecimento do pequi, a colheita é levantar de manhã e ir coletar no Tabuleiro os frutos que já estão no chão, embaixo da árvore, pois os frutos do pequi não podem ser coletados arrancando do pé, tem que ter caído no chão por eles mesmos. O óleo de pequi tem duas maneiras de ser preparado: raspado cru ou raspado cozido.

Para produzir o óleo de pequi raspado cru, descasque o pequi e coloque dentro d'água e vai raspando a polpa do pequi, até que, por cima da água, forma uma cobertura amarela. Essa cobertura é colocada para fritar em uma panela no fogo por alguns minutos. Para saber se estar pronto é só jogar um pouquinho no fogo, se chiar é porque o óleo está pronto, ao contrário precisa deixar no fogo mais um pouco.

Para produzir o óleo de pequi cozido é pisado. Depois que os pequis, estiverem cozidos, coloca para esfriar, pode ser de um dia para o outro, vai raspando, tirando a polpa das castanhas e colocando a polpa com água no fogo para ferver. O óleo vai começa subir, por cima da água, vai pegando o óleo e coloca para fritar. Faz o mesmo processo do anterior para saber se estar pronto. Os pequi só pode ser estocado no máximo por cinco dias com a casca para depois produzir e os descascados pode deixar de um dia por outro. Já o óleo deve ser guardado em vasilhas plásticas ou vidros sem quaisquer vestígios de água.

2.3 – Banha de Galinha

A banha é localizada nas tripas e na moela. Para obter a banha tem que matar a galinha e tirar a banha, lavar e colocar na panela no fogo para fritar. Deixando por alguns minutos, em seguida coloque para esfriar em um vasilha, deixando aberta. Depois que esfriar, feche a vasilha e guarde.

2.4 – Conservação dos Óleos e Banhas

As banhas de galinha, de porco, de Tatu Teiú e a banha Gato do Mato tem o mesmo prazo de validade, variando muito de como foi feito. Se tiver uma boa fritura no acabamento, feito na lua certa e pela pessoa certa, como veremos a seguir, pode ser usado por no máximo seis meses. As banhas não podem ser guardadas em vasilhas plásticas, pois isso interfere no prazo de validade. Tem que guardar em vasilhas de vidro, sem qualquer vestígio de água, a vasilha tem que estar limpa e bem tampada, guardada no lugar fresco.

Os óleos também tem o mesmo prazo de validade, e podem ser guardado em vasilhas de plástico ou de vidro, no máximo por um ano. Desde que seja feito no tempo certo, de acordo como deve ser feito, talvez ele dure até mais tempo, isso se for feito na lua certa, se as pessoas do olho ruim não se aproximaram quando estava sendo produzido. O óleo tem que ser armazenado no lugar certo para não correr nenhum risco de perder o produto, pode ser usado até um ano, principalmente óleo de mamona.

2.5- Ciências dos óleos e banhas

A sabedoria, as crenças, os conhecimentos e a *ciência* do povo Xakriabá estão relacionadas aos fenômenos e elementos da natureza dos animais, aos hábitos da etnia. *Ciência* para nosso povo já vem do tempo dos antigos, tem a ver com os segredos. Mesmo sendo da etnia, tem pessoas que não podem saber de todos os segredos do povo Xakriabá pelo seu comportamento. Na brincadeira não tem *ciência*, isso acontece porque a pessoa só sabe de um segredo se for escolhida e preparada por um dos mais velhos, o pajé da aldeia.

Nas entrevistas, cada pessoa mostra que tem alguma coisa de diferente no conhecimento. Possuíram de várias formas, com experiências próprias ou adquiridas na convivência com outras pessoas. Mas que a *ciência* é preservada, *ciência* não pode ensinar por ser dos encantados, que acontecem nas horas *mortas* no meio da noite. Por exemplo, uma água corrente no riacho, meia noite ela pára de correr, nesta hora mesmo o vento não venta. Mas

poucos conseguem ver, só quem acredita nos encantos da natureza, dos animais podem ver uma parte disso. Pode ser que mesmo sendo a mesma coisa e duas pessoas vendo na mesma hora, elas enxergam de diferentes formas os conhecimentos que dizem respeito à nossa alimentação, saúde, religião, moradia e tudo de essencial para vivermos bem na aldeia. Enfim sabedoria, crenças, conhecimento e *ciência* estão aí no nosso meio para ajudar a revitalizar nossa cultura. Pois a *ciência* está em quase tudo no nosso dia-a-dia, mas poucos sabem e veem em como deve ser vista. São inexplicáveis as *ciências*.

Os óleos só podem ser produzidos na lua cheia ou crescente, pois se for produzido em qualquer lua não rende e às vezes não vira o óleo, só fica a massa. Alguns óleos, se forem usados fora da quantidade, podem ser prejudiciais, ou seja, não melhora o problema e pode causar diarreia. Pessoas que nasceram quinta-feira e sexta-feira não podem produzir, nem presenciar a produção dos óleos. Se por ventura essas pessoas forem fazer o óleo, não vira, e se vira, não rende, e nos remédios não é o mesmo efeito. Na produção dos óleos tem coisas que não pode falar, porque tem a ver com os segredos da *ciências*, onde tem pessoas que precisam receber uma preparação sobre o respeito, conhecimento de um velho ou pajé da aldeia para saber de tal coisa pelo seu comportamento.

O óleo de pau-dói, para ser tirado, a pessoa não pode olhar para cima e ver as folhas da árvore, tem ir de longe, mais ou menos olhando na direção do buraco que já foi perfurado dias antes, e nenhuma pessoa pode saber que você foi tirar o óleo de pau, se alguma pessoa passar lá e ver o buraco não vai sair o óleo. Segundo os mais velhos ainda tem umas palavras que precisam ser faladas quando for perfurar o buraco na madeira da árvore

A banha de porco a *ciência* já vem desde quando for castrar o porco, tem que ser na lua nova, até porque nas outras luas o próprio animal pode morrer. Pois o corte fica dolorido, adquirindo um pês e as varejeiras põem seus ovos e vira uma bicheira cheia de bichos, vermes.

As outras banhas, como as banhas da galinha, do tatu, teiú, porco e gato do mato podem ser guardada por seis meses, desde que tenham sido feitas na lua nova.

CAPITULO III - SOBRE OS USOS DOS ÓLEOS DE MAMONA E PEQUI E DA BANHA DE GALINHA

3.1- Para que serve os óleos e banhas

O óleo de mamona é muito utilizados pelos Xakriabá. Quando uma mulher ganha a criança, o óleo já está pronto para ser usado no umbigo da criança que amolece, e cai mais rápido, passando duas ou três vezes, principalmente à noite, e tomar uma colher de sopa um dia depois do nascimento para limpar o intestino. A mãe da criança também precisa usar uma infusão na barriga, por oito dias, para prevenir inflamações no útero depois do parto, chamada de *insergação*⁷. O óleo de mamona também é usado em feridas para melhorar e cicatrizar rápido. Ou quando só machuca e a lesão fica inchada pode usar uma infusão feita do óleo com algodão e resina de jatobá, passando no local por um tempo de no máximo um mês. Isso depende da lesão, pois a infusão pode grudar na pele e só descola quando a lesão melhora. Essa infusão é usada também em machucado de animais, que machucam ou quebram perna ou as mãos. Para o povo Xakriabá essa infusão é usada com o gesso

Antigamente o óleo de mamona era usado para acender o fogo ou colocando na candeia para iluminar à noite dentro de casa, principalmente quando a mulher ganhava neném e tinha de ficar durante sete noites com a candeia acesa. Mas não é mais usada essa prática nem pelas pessoas que ainda produzem o óleo, só em alguns eventos culturais por causa da energia.

O óleo de pequi é utilizado para curar gripe, usando umas três gotinhas na chá enquanto estiver gripado e passar entre os peitos antes de dormir e por fora do nariz. Também pode ser usado em lesão, fazendo uma infusão com folha de matruz, amarrando com uma faixa no local. O óleo do pequi também é usado quando estiver sentindo dores musculares, fazendo massagens com movimentos circulares três vezes por dia. É usado para melhorar ferida que tem dificuldade de melhorar. Também é utilizado na preparação de alimentos como: arroz, feijão, macarrão, entres outros alimentos.

⁷ *Insergação* é uma infusão tradicional do povo Xakriabá feita principalmente de óleo de mamona com sebo de rim de gado.

A banha de galinha é usada para gripe complicada, tomando três gotinhas no chá de manhã ou à noite. É indicada também para o tratamento queda de cabelo, passar massageando o couro cabeludo e lavar só no dia seguinte ou pode usar diariamente em menor quantidade. Usa-se também a banha de galinha no chá para curar gripe e passar por fora do nariz à noite, antes de dormir. É também bom para ressecamento na pele, passando com a pele úmida depois do banho e temperar a própria carne da galinha.

Capítulo IV - Notas sobre os entrevistados

As entrevistas não foram feitas na forma de um questionário, nem houve gravações, foi uma conversa informal a pedido dos entrevistados. Começou através de uma pergunta, que foi feita para os mesmos, buscando saber sobre a importância que tem óleos e banhas naturais para nosso povo. Dentre os entrevistados buscou-se valorizar o conhecimento dos mais velhos, pessoas de diferentes comunidades que tem conhecimento com esses produtos. Durante a pesquisa conversei com várias pessoas. Gostaria de destacar uma síntese de algumas ideias contadas pelos entrevistados que achei muito importante. Não estou transcrevendo as entrevistas, estou colocando com minhas palavras algumas ideias principais e que considero importante.

Segundo Iraci Nunes Macedo Carneiro, de 41 anos, da aldeia Sumaré III, é de muita importância o uso e produção dos óleos e banhas, pois quando um mulher tem seu filho aqui com a parteira, o tratamento é muito diferente do que recebe no hospital, porque a parteira usa só produtos naturais na mulher e na criança. Com óleo de mamona faz uma infusão com outros produtos e coloca na barriga da mulher para não ter inflamação no útero. Para criança dá o óleo para tomar para limpar uma baba que tem na garganta ao nascer, e faz um curativo no umbigo. Só que hoje tudo está mudando, parece que as pessoas não querem fazer. Ela mesma conta que tem tempo que faz, justificando que não é porque não quer, mas pela dificuldade de encontrar os ingredientes. Dona Iraci cita que mamona mesmo está bem difícil, e o pequi então não acha, quando acha só uns dois para colocar no feijão.

Eloisa Nunes Bezerra, de 66 anos, da aldeia Sumaré III, chama atenção que a palavra importância é pouco, pois para ela os óleos e banhas naturais são os melhores e o mais interessantes, pois uns anos atrás, quando ganhava seus filhos, foram os óleos e banhas naturais que a serviram. Para ela, a criança que nasce e não toma o óleo de mamona fica com o estômago sujo, fácil de ter congestão. Em tom de brincadeira diz que na idade em que está, que não está prestando mais não, explicando que não está aguentando mais pisar a mamona e nem pegar pequi no Tabuleiro. Também me informou que

até hoje faz a banha de galinha e de porco para passar no cabelo, segundo ela, o cabelo vira uma seda com essas banhas.

O senhor José Gomes de Oliveira, de 79 anos, da aldeia Sumaré III, em nossa conversa chama a atenção que hoje tem pessoas que não conhecem a importância desses óleos e banhas, principalmente nas comidas. Ele diz que as comidas temperadas com esses óleos e banhas são tão boas e gostosas, só que para alguns não vale um *tustão*⁸, ou seja, não tem valor. Os remédios de farmácia também para ele não são bons iguais aos que produzimos aqui, pois a importância dada a eles não são iguais. Uma lembrança interessante, que o mesmo relata, é que no tempo da mãe dele se enchia muito *uru*⁹ de pequi para ela fazer o óleo e que usava o ano inteiro.

Em suas falas, Roberta Nunes de Oliveira, de 74 anos, moradora da aldeia Sumaré III, sugere que devemos usar os dois, os óleos e banhas e os produtos industrializados, pois hoje em dia, como os tempos estão mudando, e as chuvas também, está difícil de achar os frutos, plantas e animais para produzir os óleos. Ela lembra que até as roças plantadas hoje é prejuízo, sem contar as muitas doenças que hoje em dia são descobertas. Conta ainda que, antigamente, tudo era importante para todo mundo, novos e velhos. Hoje uns dão valor, outros não, mas é vida, vamos vivendo até dia que Deus quiser.

Dona Esverdiana Barbosa dos Santos, de 67 anos, da aldeia Caatinginha, fala que os óleos e as banhas são muito importantes e que estão servindo para ela até hoje e ela que ainda produz. Mas que o mais difícil é o óleo do pau-dói. Ela disse ainda que lá nas *Corujas*¹⁰ tem *cocho*¹¹ num pau-dói que ainda sai o óleo, e que antigamente era tão fácil de encontrar que todo mundo tinha. E que hoje em dia as pessoas estão comprando os produtos de lá de fora e que só fala desses produtos naturais quando vai falar da história do nosso povo, e que é importante que os jovens de hoje possam saber da grande importância que tinha e ainda tem as coisas naturais.

⁸ Dinheiro.

⁹ Vasilha feita de palha de coco cabeçudo.

¹⁰ Na Aldeia Peruaçu.

¹¹ Buraco.

O jovem Fernando Fernandes Carneiro, de 22 anos, da aldeia Sumaré III, conta que é importante para nós porque esses óleos e banhas fazem parte do nosso viver antigamente e hoje. Só não está produzindo a mesma quantidade, também pelas dificuldades e pela presença desses produtos industrializados. É triste saber que os produtos naturais estão adormecidos e é uma tradição nossa, temos que reverter a situação. Não que vamos parar usar os produtos industrializados, mas podemos usar os dois, e produzir ainda mais os nossos produtos naturais.

E por fim, Arlinda Cavalcante da Gama, de 35 anos, da aldeia Sumaré I, nos relata a importância de se pensar que esses óleos e banhas fazem parte da nossa história, que a gente nunca perca o amor por eles. Pois era um meio que tinha antes para sobreviver, mas que com passar do tempo as coisas foram evoluindo, os tempos não são os mesmos e com a entrada de produtos de fora nas aldeias com facilidade, está essa situação. Mas ainda é tempo, temos que não deixar acabar essa prática e a nossa cultura. Então este trabalho que está sendo feito sobre os óleos e banhas é um incentivo aos jovens e a todos que produziam mas que deixaram de produzir.

Observei nas falas de todos entrevistados como eles destacam a importância do conhecimento que cada um tem dos produtos naturais, se tornando um incentivo para usar esses produtos, mas que hoje os produtos naturais são menos usados por causa do difícil acesso às matérias-primas. Mas, apesar disso, todos entrevistados defendem nossos conhecimentos tradicionais por ser conhecedores dos mesmos. Eles falam também que no tempo dos produtos industrializados podemos estar usando os dois juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu em trazer informações prévias do meu próprio conhecimento sobre os óleos e banhas que são produzidos ainda hoje na aldeia Sumaré III, e também as orientações recebidas nas entrevistas com os mais velhos. Esse conhecimento não fica só na teoria, tem acontecido na prática de algumas pessoas do nosso povo. Para realização desse trabalho foram realizadas entrevistas com pessoas mais velhas e também jovens que tem mantido firmemente esse costume de produzir os óleos e banhas. Antes da pesquisa eu via as plantas e animais sempre, mas não sabia se servia de remédio e nem procurava querer saber. Mas ao longo deste trabalho, em cada entrevista, procurava descobrir mais para mostrar um pouco a realidade de vida na aldeia antes e hoje em dia nas comunidades. Por isso contei na introdução um pequeno trecho de minha história de vida, para mostrar como as experiências multiplicam os conhecimentos cada vez mais. Cada entrevistado afirmou a importância dos produtos naturais, que não dependem de nenhuma substância química. Mas foi inevitável nos lembrar também dos produtos industrializados, que atualmente tem tomado espaço dos produtos tradicionais. Neste trabalho mostrei como são produzidos os óleos e banhas, como são conservados com durabilidade, e também como podem ser usados.

Compreendi a grande relevância da relação da natureza com o homem, pois existe um vínculo estável entres ambos, em que a natureza oferece com abundância os seus recursos, e que o homem se sente mais à vontade em preservar a cultura, costumes e tradição. A natureza em si nos ensina a desfrutar dos seus alimentos, nos dá a oportunidade e o privilégio de viver de sentir em ambiente natural.

A partir das conversas nas entrevistas que foram feitas para realizar o meu trabalho, meu interesse pelo conhecimento tradicional de nosso povo só fez crescer ainda mais. Aprendi a valorizar mais a cultura do meu povo, compreendi que a existência dos animais e das plantas tem tanto uma serventia culinária, quanto na medicina natural, apresentando muitas utilidades, e que nosso povo poderia produzir esses produtos e ter uma série de práticas e hábitos mais saudáveis. O trabalho realizado mostra a necessidade de fortalecer e valorizar os costumes culturais de nosso povo, evitando o

adormecimento desses saberes tradicionais. Enfim, aprendi a dá valor no conhecimento tradicional de nosso povo. Não só a dar valor, mas praticar. Assim, depois das entrevistas, consegui produzir os óleos de mamona e de pequi e a banha de galinha, o que foi uma experiência incrível para mim.

Os Xakriabá mais velhos cresceram tomando remédios e comendo produtos naturais. Percebo que de fato faço parte desse povo, sou privilegiada por ser uma índia Xakriabá. Mas hoje alguns desses produtos só estão na memória. Fico imaginando como nós, Xakriabá, produzíamos uma grande variedade de produtos naturais, que atualmente pouco são reconhecidos pela geração atual. Por isso, o meu trabalho mostra nossas práticas tradicionais para compreender os conhecimentos de antigamente e destacar a importância de tudo que a natureza oferece. A natureza tem bastante valor para nós indígenas. Dela são retirados nossos princípios e elementos essenciais para nossa vida. Para que hoje e as outras gerações futuras possam usufruir dela, devemos preservar tudo que temos e devemos também continuar sabendo produzir a partir de nossos conhecimentos tradicionais, fazendo com que esses costumes possam permanecer vivos no povo Xakriabá.

Entrevistas realizadas

- Arlinda Cavalcante da Gama, 35 anos. Aldeia Sumaré I, Terra Indígena Xakriabá, julho de 2016.
- Creusa Barbosa dos Santos, 32 anos. Aldeia Caatinguinha, Terra Indígena Xakriabá, novembro de 2016.
- Esverdiana Barbosa dos Santos, 67 anos. Aldeia Caatinguinha, Terra Indígena Xakriabá, novembro de 2016.
- Eloisa Nunes Bezerra, 66 anos. Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, julho de 2016.
- Fernando Fernandes Carneiro, 22 anos. Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, outubro de 2016.
- Iraci Nunes Macedo Carneiro, 41 anos. Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, outubro de 2016.
- José Gomes de Oliveira, 79 anos. Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, junho de 2016.
- Prexeda Nunes Macedo Gama, 68 anos. Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, fevereiro de 2017.
- Roberta Nunes de Oliveira, 74 anos. Aldeia Sumaré III, Terra Indígena Xakriabá, junho de 2016.
- Santília Araújo da Silva, 76 anos. Aldeia Sumaré I, Terra Indígena Xakriabá, julho de 2016.